

Várias investigações analisam como, no quadro da mundialização neoliberal, as mulheres migrantes pobres e racializadas do Sul se tornam trabalhadoras domésticas e trabalhadoras do care⁹ nos países do Norte (“países ricos”). Na obra intitulada *Le sexe de la mondialisation: genre, classe, race et nouvelle division du travail*, os autores aprofundam vários fenômenos que marcam esse processo de mundialização. A “crise da reprodução”¹⁰ (Benería, 2010) no norte é apresentada como sendo um dos fatores principais que mobilizam a migração massiva das mulheres do sul em direção ao norte. Essa crise se explica primeiramente, pela falta de responsabilidade do Estado no que tange à reprodução social, isto é, os cortes orçamentários que afetam a esfera social, a diminuição dos investimentos em prol da proteção das pessoas e a redução das ofertas na área da saúde, da educação, etc.

A “crise da reprodução” acompanha uma rigidez da divisão sexual do trabalho (Hirata e Kergoat, 2008), que está associada, infelizmente, a massificação do emprego das mulheres¹¹. Os homens não substituem essas mulheres “ausentes” no que tange o trabalho doméstico na própria casa. A massificação do emprego das mulheres não acompanha uma “massificação do trabalho doméstico dos homens”. Eles continuam a se dedicar ao trabalho não-doméstico, designado como produtivo, e desta forma, deixando para as mulheres as responsabilidades domésticas e familiares (Palméri, 2002). A crise da reprodução pode se expressar através dessas questões: Quem vai se dedicar ao trabalho doméstico? Quem vai se dedicar às crianças, às pessoas idosas, às pessoas doentes ou deficientes? Para superar essa crise da mão de obra doméstica no norte, as mulheres migrantes pobres e racializadas do Sul são mobilizadas. Federicci (2002) fala de uma nova divisão internacional do trabalho. Salazar Parreñas (2002) coloca o acento sobre a divisão internacional do trabalho reprodutivo e, outros autores falam de internacionalização/mundialização do trabalho

doméstico¹². É esse fenômeno que transforma as migrantes em “mulheres do serviço” (femmes de service) no norte (Falquet, 2006).